



Data: 20.10.2020

Título: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:



**SUPLEMENTO
ESPECIAL**



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



Formação para executivos Dispara a procura de cursos que ensinam a motivar equipas em tempos de covid

Suplemento de 8 páginas

Área: 2174cm² / 77%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6969389



Data: 20.10.2020

Titulo: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:



SUPLEMENTO
ESPECIAL



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

ESPECIAL EXECUTIVOS

publico.pt/especial-executivos

**Onde posso
fazer um curso?**

Uma lista de mil
programas para
profissionais
com cargos de gestão

Dispara procura
de cursos que ensinam
a motivar equipas em
tempos de pandemia

Online atenua quebra
de alunos estrangeiros



Área: 2174cm² / 77%

Tiragem: 72.253
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6969389



Data: 20.10.2020

Título: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:

P

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Liderar sem Mandar. Felicidade e Performance. Cibersegurança. São apenas exemplos de uma lista de mil cursos para executivos, compilada pelo PÚBLICO. A tendência, dizem as instituições, é de aumento na aposta em formação

Hugo Moreira

A tendência já era de crescimento havia vários anos, mas a pandemia de covid-19 veio empurrar as competências nas chamadas “*soft skills*” relacionadas com liderança, gestão de equipas e capacidade de motivar colaboradores para o topo da lista das prioridades das empresas, em geral, e dos executivos, em particular. São estas as formações que, segundo as instituições de ensino superior, estão a ter mais procura este ano.

“O contexto actual obrigou a que todas as pessoas que tenham cargos de liderança de equipas, de projectos ou de negócios fizessem um *upgrade* às suas competências”, considera Pedro Brito, *associate dean* para a Formação de Executivos na Nova SBE. Nesse sentido, a instituição de Cascais viu “aumentos brutais” na procura por “tudo o que diga respeito à parte mais *soft* de gestão de equipas à distância, inteligência emocional, capacidade de fazer melhores escolhas em situações de crise e de aumentar os níveis de confiança”.

Na Católica – Lisbon School of Business & Economics, “a parte comportamental foi muito importante ao preparar o novo ano lectivo, sobretudo perante o grande desafio que é a

pandemia”, sublinha Céline Abecassis-Moedas, directora da Formação de Executivos. Assim, os cursos relacionados com “liderança e negociação” são “o que as empresas mais procuram neste momento” – o número de empresas que procuraram estes programas para os seus trabalhadores quase duplicou num ano, afirma. No que diz respeito a clientes individuais (indivíduos que por sua iniciativa decidiram inscrever-se nestas áreas), o número cresceu 30%.

Mais a norte, na Porto Business School (PBS), relata-se a mesma tendência. A procura por cursos relacionados com “pessoas e liderança” tem sido “muito grande”, mas com ênfase “nos momentos de crise” através de “programas mais curtos”, conta a *associate dean* Patrícia Teixeira Mota. Nesses casos, a opção por formações mais rápidas mostra que a preocupação não está na “formalização dos créditos” em programas que confirmam graus superiores aos participantes, mas sim na “especialização em temas que são muito importantes neste momento”.

Há, inclusivamente, quem se vire para um ramo da psicologia para melhorar o rendimento no local de

trabalho. No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSIP) da Universidade de Lisboa, a pós-graduação em Psicologia Positiva Aplicada tem sido “um sucesso enorme”, revela Alice Trindade. E o que é que se aprende? Segundo a vice-presidente e directora do Instituto de Estudos Pós-Graduados do ISCSIP, trata-se de “um estudo científico relacionado com robustecer os indivíduos para que nas suas profissões, sejam elas quais forem, tenham atitudes e acções propiciadoras de melhor desempenho”. O curso atrai profissionais que vão “de professores a médicos, arquitectos e economistas”.

Outra das tendências está na preferência por pós-graduações e cursos executivos, programas mais curtos do que mestrados ou MBA – sigla para *master of business administration*. Porquê? “Não é ter um grau que faz falta. O que faz falta é aprender como resolver rapidamente um problema que se tem entre mãos”, esclarece Céline Abecassis-Moedas. Uma vez que as pós-graduações duram, em média, um ano lectivo, muitas vezes em regime pós-laboral e na maioria dos casos com atribuição de créditos ECTS – que são “uma porta aberta” para quem quiser prosseguir estudos, aponta Alice Trindade –, a pandemia ajudou a valorizar esta opção. “Este ano batemos recordes nas inscrições nas pós-graduações muito porque, neste contexto, as pessoas precisam de ganhar factores de diferenciação e ferramentas para que possam fazer transformações relevantes nas suas organizações”, nota Pedro Brito.

Área: 2174cm² / 77%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6969389



Data: 20.10.2020

Titulo: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:

P
Público

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



A questão dos preços também pesará. Em algumas instituições, um MBA de um ano e meio pode superar os 20 mil euros, um mestrado pode custar dois mil euros, uma pós-graduação de um ano pode ir até aos seis mil, mas também pode custar bastante menos.

De resto, há casos de popularidade em ano de pandemia que surpreendem mais as instituições. A pós-graduação em Gestão de Serviços de Saúde na PBS foi “a que mais candidaturas atraiu”, revela Patrícia Teixeira Mota. Um aumento para o dobro, diz, acrescentando que não contava com ele. O curso é procurado sobretudo por médicos, fisioterapeutas e enfermeiros. Outra surpresa na escola do Porto foi a capacidade de manter uma turma na pós-graduação em Gestão do Turismo e Hotelaria. “Eu admitiria em Março ou Abril que poderia ser um curso sem procura nenhuma”, diz, mas a reformulação do currículo agora desenhado para “como se pode inovar num sector que tem de ser repensado” contrariou as previsões negativas. Não é caso único. De facto, o interesse por formação em turismo até “aumentou bastante” no Instituto Politécnico de Coimbra. Jorge Conde, o presidente da instituição, explica que, na prática, são “profissionais que já estão no terreno e procuram alguma especialização” num sector que “precisa de se reformular” devido à pandemia.

Se os cenários decorrentes da evolução da pandemia se alteram rapidamente, então são cada vez mais os executivos que procuram os programas que lhes dão maior capacidade de previsão e gestão dessa realidade. “As empresas perceberam que não sabem quando é que esta pandemia se vai retirar”, introduz Pedro Brito, e, por isso, “ganham consciência de que vão ter de estar recorrentemente a fazer cenários atrás de cenários para poderem ter planos alternativos face a acontecimentos internos e externos”. Conclusão: “Procuram cada vez mais os programas de cenarização” da Nova SBE.

A transição para um regime de teletrabalho, em que muitas empresas ainda se encontram, trouxe consigo preocupações redobradas com a cibersegurança e, por consequência, mais procura pelos programas rela-

Em tempos de crise e de teletrabalho, gestores querem saber como motivar mais as equipas

Área: 2174cm² / 77%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6969389



Data: 20.10.2020

Titulo: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:

P

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

cionados com o tema na UNAVE – Associação para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro. As empresas “decidiram dar formação não só aos técnicos, como também a todos os trabalhadores para garantir que têm pelo menos o mínimo de boas práticas”, afirma Mário Rodrigues, presidente da comissão executiva da associação.

Empresas em *stand by*

Num aspecto as instituições contactadas pelo PÚBLICO concordam: em anos de crise, a procura por parte de alunos individuais aumenta, enquanto os programas para empresas diminuem. Vê-se hoje o mesmo que se viu na anterior crise económica que espoletou em 2008. O que leva as

peçoas a procurar a formação? Por um lado, trata-se “tipicamente de pessoas que estão empregadas, mas que compreendem a necessidade de evoluir profissionalmente e ganhar diferenciação no mercado que é competitivo”, diz Pedro Brito, da Nova SBE. “Em alturas de prosperidade, as pessoas podem já estar satisfeitas com os seus empregos e não querem sacrificar o seu tempo a apostar na formação”, aponta Céline Abecassis-Moedas, da Católica.

Jorge Conde lembra, por seu lado, que “podemos estar a falar de pessoas que foram despedidas e por isso agora têm mais tempo”, mas também de “jovens que acabaram as licenciaturas e pensavam ir para o mercado de trabalho, mas como as coisas estão,

viram-se para os mestrados porque não têm emprego lá fora”.

O resultado é que a maioria das instituições reporta aumentos no número de alunos nos programas de mestrados e pós-graduações para executivos. Já quanto às formações para as empresas, programas que muitas vezes são desenhados especificamente de acordo com os pedidos de cada uma das corporações, o cenário inverte-se e as expressões mais ouvidas são “quebra” e “decréscimo” em termos globais. Pedro Brito fala num estado de “*stand by*” por parte das empresas “para ver o que é que acontece” e decidir “em que vão investir o seu dinheiro e o tempo dos colaboradores”.

Quem perdeu e quem ganhou com a pandemia?

Este ano, na hora de decidir por uma formação num país estrangeiro, o factor covid-19 teve peso. O mesmo se aplica a quem olhou para Portugal como um possível destino para ingressar em programas de mestrado, pós-graduações ou cursos executivos. Contudo, as instituições portuguesas relatam ao PÚBLICO realidades bem distintas no que toca à procura e ao número de estudantes internacionais que vão acolher.

Na Nova SBE, a pandemia não fez decrescer o número de estrangeiros que escolheram Cascais para prosseguir estudos. Antes pelo contrário. “Passámos de 50% de alunos estrangeiros nos nossos cursos de mestrado para cerca de 60% do contingente total”, revela Pedro Brito, *associate dean* para a formação de executivos da instituição, que categoriza o aumento como “muito relevante” ainda que já existisse “um historial grande de alunos internacionais, sobretudo de contingentes alemães, italianos e ingleses”.

“O que aconteceu é que, na altura das candidaturas, Portugal estava muito bem reputado a nível internacional no que diz respeito à forma como estava a lidar com a questão da

covid-19”, começa por explicar. Ora como “os países de origem dos alunos estrangeiros estavam numa situação mais debilitada”, na hora de escolher um destino para fazer mestrado, “muitos acabaram por escolher Portugal, nomeadamente os italianos”.

No que diz respeito especificamente a formações desenhadas para os executivos já integrados no mercado de trabalho, a transformação para programas *online* trouxe “muito mais clientes internacionais” à Nova SBE. “Isto acontece porque deixou de ser tão relevante onde é que o parceiro de formação das empresas está localizado”, diz, já que no passado as organizações priorizavam as instituições de ensino mais próximas devido aos custos de deslocação e estada. “Hoje, isso quase deixou de ser um problema”, alega. No final, “Portugal acabou por beneficiar desta pandemia no que diz respeito a programas internacionais *online*”. A Nova afirma ter angariado este ano mais clientes estrangeiros que, não fossem as aulas pela Internet, procurariam escolas parceiras nos seus países de origem.

Foi exactamente na transição para o digital que também apostou a Porto Business School (PBS), já que, como

explica Patrícia Teixeira Mota, *associate dean*, se sentiu “alguma quebra na procura [dos estudantes internacionais] de cursos presenciais”. Por isso, e “antecipando a situação já em Março”, a instituição alargou a oferta de cursos *online* e transformou os cursos presenciais em cursos híbridos que tanto permitem a presença física na escola como que se frequente no formato remoto.

Resultado: captou-se “muitos alunos que estão fora do Porto” através de programas como o recém-criado Digital MBA, em que 35% dos estudantes não estão na Invicta. São desde “estrangeiros impossibilitados de viajar” a “portugueses emigrados ou [que vivem] noutros pontos do país”.

Por vezes, *online* ainda suscita dúvidas

Num ano atípico, permite-se “excepcionalmente” que seja possível completar os cursos apenas via *online*, o que representa “uma mais-valia”.

Ainda assim, os estudantes estrangeiros continuam a rumar ao Porto, sublinha a *associate dean*, e aponta para o programa *The Magellan*, um MBA que custa 25 mil euros com 13

Área: 2174cm² / 77%

Tiragem: 72.253
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6969389



Data: 20.10.2020

Título: Aprender a motivar equipas e a gerir crises está no topo das prioridades

Pub:

P

SUPLEMENTO
ESPECIAL

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

meses de aulas presenciais a tempo inteiro e dos mais reputados da instituição. Metade da turma é composta por alunos internacionais, ainda que se admita que, “nos primeiros meses de aulas em pandemia mais apertada”, os inscritos possam vir a ter as aulas *online*. “Depois juntam-se ao Porto quando possível.”

Já os programas de intercâmbio internacionais da PBS foram postos em pausa. O envio de estudantes dos MBA para a Universidade de Berkeley, nos EUA, foi adiado de Março deste ano para o mesmo mês de 2021. Caso seja preciso repensar o destino, “rapidamente encontrar-se-á outro entre os parceiros internacionais” com os quais a escola trabalha, relativiza Patrícia Teixeira Mota.

Mas o cenário não é o mesmo em todas as instituições em Portugal. No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, “houve um decréscimo muito considerável” na procura de mestrados e pós-graduações por parte de estudantes internacionais. Fala-se “numa ordem que ultrapassa os 50%”. É o que revela a vice-presidente e directora do Instituto de Estudos Pós-Graduados do ISCSP, Alice Trin-

idade explica que grande parte desse contingente é composto por estudantes brasileiros que estão com problemas em obter o visto de estudante porque “a maior parte dos consulados do Brasil está a funcionar a meio gás”.

De resto, o ensino *online* ainda suscita dúvidas a alguns empresários e executivos. “A maioria dos nossos clientes não quis transformar as aulas presenciais em aulas *online*”, afirma

Céline Abecassis-Moedas, directora de Formação de Executivos da Católica – Lisbon School of Business & Economics. Isto em parte deve-se “àquilo que se perde em termos de *networking*”, mas também porque “ninguém aguenta um dia inteiro de aulas *online*”. Apesar disso, e feitas alterações aos formatos e durações das aulas, considera que aos poucos se “começa a ver as vantagens” desta solução. **H.M.**



Algumas empresas olham com desconfiança para formações *online*

Área: 2174cm² / 77%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6969389